

# Reflexões sobre um cruzeiro de verão

*O relato de uma linda viagem em andamento pela costa do Brasil*

Cylon Rosa Neto

04 Jun 2014

**P**erseverança é substantivo feminino, característica ou particularidade de quem persevera, é uma qualidade; já na mesma linha, teimosia também é um substantivo feminino, é um apego obstinado às próprias ideias, enquanto a persistência salva, a teimosia perde, a primeira é qualidade, a segunda, um defeito.

Ainda não sei se sou teimoso, perseverante ou uma mistura dos dois, o que é mais provável.

O fato é que este relato é fruto da mistura destes dois substantivos femininos, pois para quem vive a 30 graus sul, ter como objetivo na vida mar azul, brisa quente, velas ao vento e muito ar comprimido embaixo d'água, somente inserindo mais um conceito, o de iludido...

A verdade é que estas dádivas não estão próximas nem ao nosso alcance aqui em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 30 graus de latitude sul e 51 graus de longitude oeste, para acessá-las tem de viajar, se esforçar, trabalhar e estudar muito, mas, especialmente, investir em formação, tempo e alguma forma de acúmulo e aplicação capital bem planejado.

Comecei esta doce ilusão muito cedo, com seriados do Mike Nelson, o livro Expedição Moana, o qual foi minha referência, e Jaques Costeau na TV, além da coleção de aventuras juvenis do Francisco de Barros Júnior.



Estes seriados e livros me levaram a “viajar” para longe do meu mundo real, em terra, embora feliz nos matos e campos do Passo da Pimenta, rincão onde passava os fins de semana, na Granja de meu avô, em Montenegro-RS, mas sempre sonhando em velejar, mergulhar e pescar por lugares muito além destes limites que eu então vivia em minha infância e adolescência.

Nesta época, uma música me marcou, tal como a vida, intitula-se “[Viagem](#)”, de Paulo César Pinheiro, então, como eu, à época, com 14 anos, e tem a seguinte letra:

### *Viagem*

*Oh tristeza, me desculpe  
Estou de malas prontas  
Hoje a poesia veio ao meu encontro  
Já raiou o dia, vamos viajar.*

*Vamos indo de carona  
Na garupa leve do vento macio  
Que vem caminhando  
Desde muito longe, lá do fim do mar.*

*Vamos visitar a estrela da manhã raiada  
Que pensei perdida pela madrugada  
Mas vai escondida  
Querendo brincar.*

*Senta nesta nuvem clara  
Minha poesia, anda, se prepara  
Traz uma cantiga  
Vamos espalhando música no ar*

*Olha quantas aves brancas  
Minha poesia, dançam nossa valsa  
Pelo céu que um dia  
Fez todo bordado de raios de sol.*

*Oh poesia, me ajude  
Vou colher avencas, lírios, rosas dalias  
Pelos campos verdes  
Que você batiza de jardins-do-céu*

*Mas pode ficar tranqüila, minha poesia  
Pois nós voltaremos numa estrela-guia  
Num clarão de lua quando serenar.*

*Ou talvez até, quem sabe  
Nós só voltaremos no cavalo baio  
O alazão da noite  
Cujo o nome é raio, é **raio de luar**.*

<https://www.youtube.com/watch?v=91Atis1adWE>

Desta música, mais estes sonhos e objetivos, decidi ainda adolescente um dia ter um barco a vela, e quando chegasse o barco para realizar “a Viagem”, este se chamaria “Raio de Luar”. Então, assim, surgiu o Veleiro Raio de Luar, nos levando para os destinos que sempre sonhamos navegar.

Desta forma, cresci, estudei, trabalhei, construí minha família, aos poucos fui tentando me inserir nesta realidade, relatei parte dela no livro “Manhã de Domingo”, onde esta cronologia foi em parte retratada por eventos que aos poucos permitiram amadurecer e construir um sonho maior, o de viver uma grande viagem em meu próprio veleiro. Aqui, hoje, enfim a bordo deste lindo barcoque ainda nem acredito ser meu, começo este relato, um cruzeiro para muito longe...a partir dos registros de nosso Diário de Bordo, daí haver tempos de verbos misturados.



O Início da laminação, eu e o Matheus na Delta Yachts



Vai tomando forma, eu e a Gabi na Delta quando o casco foi fechado.





Para então ser festivamente batizado em 28 de abril de 2013, parecia mentira, mas havíamos conseguido!

Esta narrativa revela que sonhos como este devem e podem ser vividos, passei todo ano de 2013 me preparando fisicamente, psicologicamente e também materialmente para tentar fazer esta viagem, espero que você, amigo leitor e fã do nosso querido site [www.popa.com.br](http://www.popa.com.br), viaje conosco, aproveite a leitura e muito obrigado pelo privilégio de ter sua atenção, também e especialmente agradecendo ao Veleiros do Sul por tudo que vem me apoiando nesta vida náutica que escolhi...a ponto do VDS, para nossa alegria, ser hoje quase o pátio da nossa casa...

## **ENFIM - ZARPAR !**

Zarpar significa em linguagem náutica erguer a âncora, levantar ferros, partir (o navio), enfim, navegar...

Quando se faz um Projeto de longo prazo, na verdade, um Projeto de Vida, como uma viagem assim, com suas necessidades logísticas, de tempo, de recursos, de conhecimento, de dedicação e de muita vontade, talvez o momento mais difícil de se atingir seja aquele de zarpar, é quando não tem mais volta, fizemos tudo o que era possível prever e então tem-se de decidir, preparar mais para os imprevistos que certamente virão, ou considerar que o que era possível fazer, o foi.

"O que era possível fazer o foi" ocorreu em 30/11/2013, a 1:40 h da manhã de um sábado, pois velejador que respeite tradições não zarpa em uma sexta-feira...Neste dia e horário, soltamos as amarras e zarpamos do nosso querido Veleiros do Sul em uma "janela de tempo" de vento nordeste, previstos quanto muito moderados, na Companhia do Veleiro irmão do Raio de Luar, o 4Fun do

Luiz Ungaretti, tendo a bordo como tripulantes a Juliana Trein e o namorado Rafael, os quais queriam conhecer a Lagoa dos Patos.

Minha família, Simone, Matheus e Gabriela, em razão de vestibular e provas de final de ano, somente embarcarão a partir de Florianópolis, quando esperamos todos estes compromissos estudantis estejam equacionados. No 4Fun, também a Suelen, bem como os Primos queridos Ike e Valéria.

A noite estava linda, com Vênus se pondo e Júpiter no quadrante oposto, sem lua, sem vento, com expectativa de termos vento a partir da entrada da Lagoa dos Patos, no rumo a Rio Grande.

Fizemos a rota do Guaíba tranquilos, motorando, sendo brindados por um nascer de lua nova no morro da Pedreira em Itapuã, em um dos mais belos nasceres que lua que já vi, pois a barra do dia já era observada com muita delicadeza no horizonte leste, o farol de Itapuã indicando firme nosso caminho de final de Guaíba e início de Lagoa, neste marco que sempre nos encanta. Ao entrar na lagoa, turma descansando, eu sozinho, entrou nordeste firme e ondulação, logo, seria um desperdício manter motor e não velejar. Ao contrário deles que dormiram bem, eu muito cansado, noite em claro, sem janta, fiz esforço para subir velas e outros procedimentos, mas, nesta condição de ondas e de exaustão...enjoei.



Amanhecer na Lagoa na saída do Canal de Itapuã, mesmo em dezembro, gorro e agasalhos.

A Juliana acordou e testemunhou meu mal estar, como estavam ambos então acordados, após “alimentar os peixes”, consegui cochilar, desta forma, acordei mais disposto, me alimentei, me hidratei e simplesmente esqueci mal estar

anterior, pois o dia estava lindo e o Raio de Luar voava a 9 nós na Lagoa no rumo sudeste, buscando cumprir a primeira etapa desta nossa épica jornada.

O vento nordeste se firmou na alheta de BB, mas tínhamos pela nossa rota uma onda atravessada, pois nosso rumo era em torno de 200 graus verdadeiros, assim, fomos no silêncio das velas até farolete D. Maria, com algumas ondas embarcando e pregando sustos, pois a “nossa” lagoa não é brincadeira, é mais matreira que muito mar bravio...



**Na lagoa não tem verão, gorro e casaco em pleno dezembro...nordestão!**

No farolete D. Maria, também virtual, pois nenhuma das boias da Lagoa dos Patos está no lugar, algo abominável, além de ridículo. Chegando então já no trecho inferior da Lagoa, deixamos somente genoa e ligamos motor pelo ângulo melhor da onda e simplesmente os dois barcos com maior estabilidade e conforto a bordo, “decolaram” !!!.





“Voando” na Lagoa e cuidando navios no visual e no AIS

Cada série de Três Marias (conhecidas ondas traiçoeiras da Lagoa dos Patos) eram um surf inesquecível a 11 nós, às vezes, na média, firmes 9 nós. Como a Lagoa dos Patos, após farol de Itapuã, tem águas livres de fundo natural até início do Canal da Feitoria em Pelotas, com 100 milhas náuticas, forma um verdadeiro mar de ondas curtas e altas, pela baixa profundidade.

Então, aproveitamos para testar sistema de rastreamento SPOT que funcionou maravilhosamente, quando também pudemos ver a utilidade do sistema AIS, identificador de navios, o qual nos permitiu dispensarmos o radar de nossos barcos.

O Canal da Feitoria é um labirinto cheio de armadilhas, achávamos que daria para chegar em Pelotas antes da noite, então, nos enveredamos naqueles labirintos onde faltam boias regulares e sobram estacas irregulares, com ventos de mais de 30 nós, achando que com este vento a favor chegaríamos a tempo ao acesso a Pelotas...não chegamos, escuro como breu, nenhuma Luz, então, o Luizinho “teve a Luz”, passou a fazer batimetria para determinar os limites do canal, ao conseguir a seção transversal aproximada, os “olhos de coruja” da Valéria acharam a primeira boia e então ele me chamou no rádio, pois naquelas condições eu estava decidido a ir para Rio Grande a um nó, esperando o dia Clarear naquele ventão e aquele canal sem sinalização, mesmo que isto representasse duas noites sem dormir, pois o canal de acesso ao São Gonçalo foi alterado e as cartas não são confiáveis.

Porém, o Luizinho me chamou no rádio, informando ter encontrado alinhamento e valeria tentar entrarmos naquelas condições de vento e onda tão

desconfortáveis ali fora para a água calma que certamente haveria no São Gonçalo e no Veleiros Saldanha da Gama em Pelotas.

Estava tão cansado que nem me lembrei do binóculo infravermelho ou do fecho de laser das crianças que tinha na mesa de navegação, qualquer um destes apoios teria facilitado tudo, sem precisar esta adrenalina toda. Isto mostra o perigo de estarmos cansados e cometermos erros sérios, com este fundamento, eu estava decidido a capear a noite toda, felizmente, não foi preciso. Desta forma, méritos da Valéria, achamos o canal e chegamos no VSG em Pelotas às 22h para dormir.

O vento assoviou toda noite e uivou pela manhã, como tínhamos de chegar em Rio Grande, tivemos de encarar os canais precários de acesso a Rio Grande nestas condições, o que é um erro, porque deveríamos ter esperado 24 horas, o vento amainaria, mas por compromissos profissionais em Porto Alegre acabamos por chegar nesta primeira etapa em Rio Grande com rajadas de até 34 nós de vento, porto fechado, navios proibidos de manobrar, mas a hospitalidade do RGYC e a atenção extrema do amigo Guto, acabaram por compensar com sobra o stress deste trajeto absurdo, onde falta sinalização e os pescadores colocam estacas dentro do canal bem nos pontos de inflexão deste.

Apesar destas condições adversas, o Rafael se revelou um ótimo tripulante e a Juliana assistia a tudo sempre sorrindo, sempre disposta a ajudar, curtindo o fato de conhecer finalmente a Lagoa com seus mistérios e riscos.



JujuTrein, sempre um sorriso e uma alegria, com ela não tem dia nublado, sempre sol e luz! RGYC, sempre hospitaleiro.



Após chegada no RGYC, atracados, alimentados, felizes, com calma, providenciamos todas as arrumações dos barcos e nosso transporte para Porto Alegre, no intuito de então começar a estudar a meteorologia para o trecho talvez mais difícil da costa do Brasil, entre Rio Grande e Florianópolis, onde na minha opinião não temos a maior praia do mundo, mas sim uma costa simplesmente hostil a quem por ela se aventura. Portanto, a questão agora dependia de Netuno e seus humores para, pela primeira vez, finalmente salgarmos a quilha do Raio de Luar.

## DE RIO GRANDE A FLORIANÓPOLIS

Haviam barcos há semanas esperando frente fria em Rio Grande para “subir a costa”, nós esperamos apenas 3 dias, pois dia 5 de dezembro entraria uma frente e nos preparamos para finalmente, então, “salgarmos a quilha” do Raio de Luar, já em uma “travessia de gente grande”, este trecho difícil da costa do Rio Grande do Sul até Cabo de Santa Marta, depois seguindo pela querida cidade portuária de Imbituba e, por fim, Florianópolis, nosso destino planejado para este verão.

Para esta rota trecho precisa-se aguardar infelizmente mau tempo, pois o vento nordeste, a direção da costa neste mesmo rumo e a corrente contra, exigem que se saia barra afora em Rio Grande na entrada da frente fria, logo, com tempo ruim...mas não precisava ser tanto...saímos em 9 barcos de Rio Grande, com planos de fazermos todo trecho juntos, nós, Raio de Luar, e 4Fun.

Com bem mais de 30 nós de vento nas rajadas, ondas de respeito, navios gigantes saindo, mar desconstruído, somente dois tripulantes a Bordo, eu e o amigo Luiz Dahlem, pois o Eduardo Ribas “migrou” para ajudar no 4Fun, que na última hora ficou sem tripulação, e tínhamos de aproveitar a oportunidade.

A saída no RGYC já foi uma demonstração do ventão, resultando em um parafuso do suporte do motor de popa do bote torto, pois “beijamos” um poste na manobra de zarpe, com esta intensidade de vento lateral. O Luiz feliz com a aventura, eu, como comandante, um tanto sério e preocupado, pois sabia que encarar esta jornada somente com dois a bordo seria uma parada dura...e o foi!



Os faróis que nos guiarão...Como tudo no RGYC, muito legal!



O Luiz Dahlem no seu turno na costa do RS, tripulante exemplar, amigo muito mais que isto.

A Saída da barra tinha onda quebrando e uma quase levou bote, diesel, caiaque, etc, foi um susto, antes de entrarmos no mar aberto, mas estava tudo bem preso e apenas a “porrada” afrouxou estes cabos, que depois pude ajustar. Foi a primeira vez que uma onda cobriu a capota do barco, de proa a popa...ver o vídeo chega a dar um frio na barriga...



**Chegada na Barra, aqui ainda parecia menos impactante, até que o 4Fun sumiu entre as ondas...Com a gozação do Guto pelo telefone...**

Os golfinhos e Leões Marinhos vieram nos saudar na saída, o que apesar da minha apreensão com as condições meteorológicas, deu um indicativo de uma navegada feliz. Vencer a barra e superar a primeira boia de fora com “vento na cara”, para então contorná-la e “entrar dentro do vento” foi um anticlímax... vencida esta etapa, abrimos a genoa e, apesar da ressaca, o Raio de Luar e o 4Fun mostraram-se felizes por estarem salgando as quilhas, acelerando juntos por fim em busca de mares de menores latitudes, outras cores, outras temperaturas e outras brisas.





O 4Fun ainda nas águas calmas do Porto Velho em Rio Grande.

O mar descontraído de Nordeste e Sudeste neste primeiro dia nos deixou um pouco mareados, não nos alimentamos direito, passamos uma noite difícil driblando os barcos de pesca, redes fixas, redes de arrasto, sempre vendo os faróis e os parques eólicos com suas luzes vermelhas no litoral.

O amanhecer nos encontrou próximos de quintão, havia necessidade de uma mudança de atitude, então tomei um banho, fiz comida mesmo sendo horário de café, me hidratei, fiz alguns registros com a GoPro e combinei com 4Fun de tomarmos rumo direto Santa Marta, afastando-nos da costa, dos pesqueiros e das redes, passamos tão longe de Tramandaí durante o dia que nem a flotilha de petroleiros que sempre está lá atracada vimos, as boias da Petrobrás então, nem pensar.

O Bepaluê com o Luizinho de Pelotas como Skipper, subindo conosco também, optou por uma rota mais costeira, e pelo AIS acompanhávamos o seu rumo, também mantendo a vista o Oceano, um Wind 34 indo para Angra fazer Charter.

Neste trecho e antes do amanhecer, pude ver também as luzes e uma chamada de rádio da P63, a qual havia zarpado dias antes de Rio Grande. Durante a primeira noite, sem contar para o Luiz, estava muito intrigado, pois via no horizonte a leste, logo para lado de mar aberto, o clarão de uma cidade, e passei muito “encucado” pensando em marcianos, Zircas Venozianos, Alienígenas, etc, etc, pois sabia que para aqueles lados a próxima terra seria a costa dos esqueletos na África, a milhares de milhas de distância, portanto, como explicar aquela luz estática abaixo da linha do horizonte? A chamada de

rádio deles pela manhã esclareceu o mistério e os “alienígenas” pertenciam ao Pré-Sal.

Perdemos neste trecho qualquer sinal de celular, não quisemos enviar sinal do SPOT durante a noite para não acordar a turma, assim, fomos surpreendidos por uma chamada de Osório Rádio ao amanhecer, imaginei notícia ruim, mas era o querido Primo Cylon Freitas de Florianópolis, querendo notícias, preocupado com a falta delas, nos atualizando com a previsão do tempo. Uma voz assim em momento destes é um alento que só quem está lá longe de tudo pode apreciar a magnitude, estávamos muito cansados e insones, logo, tudo parecia ter outra dimensão. Este gesto de carinho e consideração do Primo que tenho certeza adoraria estar junto neste trecho da viagem, teve o efeito de um redbull para nós dois, pois o fato da previsão dele não prever alterações significativas de tempo, era um alívio, porque a marinha continuava com alertas de ventania e muita ressaca ao sul de vinte e nove graus sul e ainda não estávamos lá...talvez, ele informou, pegássemos alguma chuva, mas na troca de ideias e interpretações que tivemos, deu para ver que iríamos sempre atrás da instabilidade e a frente da ventania que a marinha anunciava por Osório e Junção Rádio. Com isto, nos motivamos muito!

Assim, mesmo ainda meio mareados, colocamos em prática o plano de curtir a navegada, o mar estava forte, mas organizado, surfávamos a até 10 nós nas ondas, colocamos “som na caixa”, muita fruta, banho, e conversas periódicas com 4Fun sobre navegação e condições de todos a bordo. Mas, eles tinham a Suelen, esposa do Luiz, a qual dava um suporte de alimentação qualificada e vigia que não tínhamos. Portanto, eles mais descansados eram os líderes da navegada, nós  $\frac{1}{4}$  de milha atrás, também ligados e trocando ideias/informações.



Mesmo em condições de mar nem sempre favoráveis, conseguimos navegar no visual e com entrosamento entre os 2 barcos.

Nossa maior preocupação eram os navios e estes começaram a aparecer, inclusive conflitando com redes de pesqueiros, quando ouvimos um diálogo muito engraçado, embora triste, de um pescador chamando um porta-contêineres gigante em um inglês muitíssimo pior que o do Joel Santana, cujo resultado lamentável foi o navio ter levado adiante a enorme rede do coitado do cara.

Entre Torres e Santa Marta, ainda com Luz do dia, dialogamos com um pesqueiro de Santa Catarina, este com uma rede de 4 milhas, perguntando se estávamos safos, ele respondeu que sim. Nossa precaução era porque na noite anterior havíamos nos desviado por pouco de redes, também avisados pelos respectivos donos, em torno de 10 milhas mar adentro em frente a Mostardas na escuridão...um risco importante e representativo para nossos frágeis lemes...e ficar sem leme é um inferno, só quem já ficou sabe...

A partir do pôr do Sol deste segundo dia, já com mar verde, sem vista da costa, começou a "caça ao Farol", pois nosso objetivo era chegar e cruzar Santa Marta, informando os familiares...No través de Morro dos Conventos começamos a ver novamente a linha de costa, pois esta inflete fortemente para leste, portanto, as cartas e GPS's estavam certos, tudo era uma questão de tempo e torcida, já que quando estamos cansados e insones, a ansiedade aumenta.

Com o anoitecer, começou a confusão de luzes costeiras, misturando-se com as luzes dos pesqueiros, estávamos mal dormidos e portanto duplamente atentos, achei ter visto um reflexo do Farol antes do pôr do sol, até agora não



sei se foi ou não, mas o fato que até as 22 h víamos somente o farol, depois o Farol com sua luz constante na proa, e , por fim, a 1h da manhã de 7 dezembro o tínhamos pelo través, mesmo assim, com os avisos constantes de ressaca de Osório rádio, Laguna rádio, queríamos um mar mais organizado e buscamos a costa entre Laguna e Imbituba, mas desistimos, abrimos entre as ilhas em frente a Itapirubá, e, então, fiz um rumo direto para Ilha de Coral, esta junto a Garopaba, sem obstáculos, o Luiz havia dormido, pedi a ele para ficar alerta e pude finalmente dormir sossegado 2 horas que para mim pareceram vinte, tão descansado acordei, já em frente à praia do Rosa. Portanto, tive 2h de sono em 48, ainda bem que estava bem preparado fisicamente.

Não tinha palavras para agradecer ao Luiz Dahlem, baita parceiro, grande caráter, do qual já gostava, mas nesta navegada se tornou um eterno morador do meu coração, acredito que o mesmo tenha acontecido com o Ribas nos sentimentos do Luiz Ungaretti no 4Fun.

Nosso último desafio era a barra sul de Florianópolis, com sugestivo nome de praia dos naufragados, onde dezenas de Colonos Açorianos encontraram seu destino e pereceram, pois esta barra com ondas de sul e marés de sigízia é de fato muito perigosa. Mas, havíamos calculado bem nossa janela de tempo e a partir da Ilha de Coral o Nordeste começou a entrar, desta forma, mesmo com a ondulação de sul, foi possível administrar a entrada para barra com sucesso e relativa tranquilidade, depois de também trocar informações com o CylonPrimo por telefone, pois este tinha corrido muitas regatas por ali. Ele recomendou entrarmos a oeste da Ilha dos Cardos pelo canaleta existente até a ponta da encantada, assim fizemos, chegando ao late Clube de Santa Catarina após 50 longas horas, mas muito felizes por ter a etapa cumprida.



Entrando aliviados na barra sul de Ilha de Santa Catarina, já com vento nordeste.



**Cansados, mas muitíssimo felizes em Florianópolis.**

Entrei no rádio chamando Bravo 20, lembrando meus tempos de nossa casinha em Jurerê e Spiritof South, nosso Madruga 19 desta fase da vida, nos anos 90, quando somente navegávamos em Florianópolis, apoiados pelo ICSC na sede (Bravo 20) e sub-sede (Bravo 26). Para nossa surpresa, éramos esperados, o Clésio, amigo do Luiz Ungaretti, havia reservado vagas, logo chegamos muitíssimo bem acolhidos e no dia de aniversário do Clube, festa na qual o Luiz Dahlem já deu uma espiada, voltou com uma taça de espumante para nos saudar, e rindo muito, porque segundo ele a festa estava cheia de “pirivelhas”...quase nos engasgamos de tanto rir ao vermos depois as tais “gatas” de validade vencida ali tentando aparecer...

Pudemos então também confraternizar com os outros barcos, um que muito gostei foi o Capitão Ernesto, do New Life, veleiro Argentino, o qual vem todos os anos ao Brasil em viagens de aprendizado para as tripulações. O Ernesto é muito safo e simpático, esperava encontrá-lo em Angra quando subíssemos, pois este será seu destino imediato, tão logo volte o vento sul, o mesmo destino terá o Bepaluê. Não o encontramos, infelizmente, pois quando chegamos a Angra, já havia retornado à Argentina.

Cumprimos todos os requisitos legais de entrada, registros, etc, saudei o Estado de Santa Catarina com a Bandeira deste no estai de boreste e deixamos os barcos prontos e limpos para o verão, esperando aproveitar a estação com a família, para então cumprir o plano de subir para Angra com calma no feriado de carnaval.

Agora, era trabalhar, torcer pela Gabi nos exames de final de ano, pelo Matheus no vestibular e contornar as armadilhas que a economia do País vem



colocando na rota de quem empreende, este fator estava de fato me preocupando e foi um entrave para que eu aproveitasse melhor o verão e seus fins de semana embarcados com a família em Florianópolis. Depois de cumprida esta etapa da jornada, esta sombra ficou me rondando e tirando muito do meu tradicional entusiasmo com tudo...

Aí veio então o último paradigma desta etapa, tivemos 50 longas horas para chegar velejando em Florianópolis no sábado, vindos de Rio Grande, mas em incríveis 50 minutos, domingo à noite, a Avianca nos colocou em Porto Alegre... sem balanço e sem cansaço nenhum !

## **INTERVALO - VERAO EM FLORIANÓPOLIS**

Passamos o verão de 2014 em Florianópolis, aguardando o carnaval para com a família velejar para norte em busca do paraíso, Angra dos Reis.

Este verão foi um período de extremos, com alegrias e muitas incertezas.

A alegria veio pela aprovação do Matheus no vestibular, todos com saúde nas navegadas em Florianópolis, as crianças se certificando como mergulhadores na Sea Divers, ter feito o primeiro mergulho pós certificação com a Gabi, tendo Raio de Luar como base, sendo eu seu Buddy com nosso próprio equipamento, mas as incertezas na economia do País colocam nuvens pretas a minha volta e não me deixaram aproveitar como gostaria este período.



**Alegria de mergulhar e aproveitar o Arvoredo.**

Mesmo aqui navegando, sempre tenho uma sombra de preocupação a me rondar e não sei onde isto vai parar. Se vou conseguir administrar esta



dificuldade ou se vou aproveitar a viagem aquém da minha expectativa, por esta razão...

Além disso, Florianópolis se mostra uma cidade despreparada para os cruzeiristas puros, estes que como nós vivem a bordo, sem base em terra quando velejando.

Na verdade, se tem um único ponto de apoio, Bravo 20, ICSC no centro, excelente estrutura, muita atenção conosco, mas é “fora de mão”, quem como nós tem pouco tempo, deixa muito de aproveitar os poucos dias aqui, já que tem a logística de sair e voltar ao centro da cidade. Mesmo com todo este carinho, o ICSC em sua sede central sofre muito com ventos do quadrante sul, pois não permitiram fazer um quebra-mar, o resultado é muito risco de danos e acidentes nestes dias em que temos viradas de tempo com ventos desta direção.

Precisaríamos de outros pontos de apoio e de recepção, mas isto não acontece, até o inverso, as vezes somos inclusive hostilizados, dependendo do lugar onde se aporta...ou se tem outros riscos, como o Luizinho, que teve o 4Fun abalroado por um jet-ski na Praia da Pinheira, nós ancorados tranquilos, visitando o Ike e família, mas veio um jet com uma pessoa inabilitada e causou a colisão, sorte que não houve feridos ou maiores danos, exceto o susto.

Desta forma, um pouco decepcionados com a “involução” que ocorreu em Florianópolis no quesito de navegar por lá, preparamos o Raio de Luar para navegarmos para Angra dos Reis no carnaval, próxima etapa da viagem.

De Florianópolis fica a saudade dos amigos e a vontade que SC ache seu caminho para o turismo sustentável, voltando a manejar a reserva do Arvoredo como parque, permitindo criar uma infraestrutura náutica compatível com a beleza do lugar, especialmente entendendo que o turismo sustentável é uma atividade econômica de alto valor agregado e forte geradora de empregos.

### **CARNAVAL NO MAR – NAVEGADA EM FAMÍLIA - FLORIANÓPOLIS PARA ANGRA DOS REIS**

Depois de muita expectativa e ansiedade, com a família e com a previsão de tempo, conseguimos chegar com calma em Florianópolis no dia 28 de fevereiro para arrumarmos o Raio de Luar e o 4Fun, para esta jornada tão aguardada.

No início da tarde de sexta estávamos prontos e fomos para Jurerê pernoitar, aguardando a noite a chegada do Cylon Primo e Adriana, para fecharmos a tripulação e sairmos cedinho para o norte, com alternativas de atracação em Porto Belo, Itajaí ou São Francisco do Sul, dependendo das condições de vento e mar.



Passagem nas pontes em Florianópolis, sempre um pouco de dúvida quanto a altura do mastro...

Passamos uma noite difícil em Jurerê, com um balanço decorrente de uma onda lateral que não nos deixou dormir, assim, as 5h da manhã chamei o Luizinho no 4Fun convidando a zarpamos, o que foi prontamente atendido, pois estavam também insones daquele balanço. No entanto, mais uma coincidência positiva para nosso cruzeiro, pois o Bravo 26 nos disponibilizou a poita E11, que era minha quando sócio lá, a qual doei ao ICSC quando me desliguei.

Com Vênus nos iluminando no horizonte do sol nascente, quando saímos de Porto Alegre em dezembro ainda estava no poente, zarpamos naquele mar tranquilo, esperando que Netuno nos guiasse e protegesse, pois agora estávamos com mulheres e adolescentes a bordo.

O mar ajudou, dia maravilhoso o sábado de carnaval, primeiro sem vento e depois um leste fraco, que permitiu subirmos as velas no final da manhã, mar arrumado e fomos desfilando Ilha dos Macucos a bombordo, arquipélago do Arvoredo a boreste, antes do sol, depois, bombas, bombinhas, Porto Belo, aí, uma reflexão, nossas lembranças dos acampamentos na prainha, entre Bombas e Bombinhas, na época da faculdade, quando sonhávamos em velejar, vi com o Primo a satisfação de estarmos 30 anos depois passando ali em frente para finalmente subirmos a costa que tanto mergulhamos, agora velejando com nossas famílias, como já desejávamos quando jovens estudantes de engenharia...



**Puro sabor de liberdade, céu azul, brisa, mar aberto e pássaros a nos acompanhar.**

Com tudo direitinho a bordo, a Simone e a Adriana começaram a fazer as honras da cozinha de bordo, enquanto eu e o Primo íamos com a navegação, trocando ideias sobre regulagem e velocidade com o 4Fun, para com este mar espetacular, tentarmos cumprir o maior objetivo do dia, que era a alternativa de chegarmos a São Francisco do Sul. Também, por estar tudo calmo, foram as rapalas para água, e em frente a Itajaí, entre os navios que aguardavam na entrada do Porto, pegamos nosso primeiro peixe, uma Guaivira pequena que foi prontamente solta.





E então começaram as pescarias...

Lá pelo início da tarde a gurizada adolescente acordou, puderam também aproveitar esta navegada que nos sentíamos abençoados por termos condições tão favoráveis de vento e mar. Para mim, ter o Matheus e a Gabriela a bordo era uma sensação de privilégio total, pois filhos adolescentes com seus pais na semana de carnaval, certamente é uma raridade, além disso, era um pouco da despedida do Matheus, pois ele passou no vestibular na UFPEL e estávamos na ansiedade de sua saída do ninho familiar na Av Guaíba em Porto Alegre...

Conversamos, tiramos fotos, pescamos, admiramos a paisagem, curtimos o mar e entramos na barra de São Francisco do Sul no finalzinho da tarde, com tranquilidade, buscamos nos informar das condições junto ao Capri late Clube, onde fomos recebidos com toda fidalguia. Depois da noite insone em Jurerê, aquele trapiche era convidativo para uma noite tranquila e longa de sono, pois o trecho seguinte até Santos não teria parada e seriam 2 dias e uma noite diretos. Mesmo com carnaval no Clube, não vimos nada, “capotamos”, no domingo, confraternizamos com os Amigos do Vida Pura e Batuta, os quais nos deram muitas dicas de São Francisco e do trecho seguinte, pois o fazem regularmente. Fizemos um dos tantos cafés da manhã comunitários entre o 4Fun e o Raio de Luar, e com uma previsão de tempo boa, zarpamos no meio da manhã com destino a Santos.



Instalações do Capri, recebidos com toda atenção.



Chegada diferente no Capri, parece que vai encalhar, mas não encalha...Muito legal este lugar!



Fizemos uma navegada muito tranquila até Paranaguá, onde mais de 60 navios aguardavam entrada, tivemos de chamar um deles em manobra de acesso, pois não nos via em rota de colisão, foi legal falar com Capitão, que prontamente nos abriu passagem reduzindo a velocidade, pelo inglês e o sotaque, era Filipino ou Malaio.



Quantidade absurda de navios na entrada de Paranaguá. O AIS é uma maravilha!!! A linha azul projetada do Raio de Luar são 10 NM, daí uma ideia do espaçamento...

Nosso plano era passar ou parar na Ilha do Bom Abrigo, mas o vento e o mar apertaram, então em contato com 4Fun decidimos abrir mais para leste e ir direto rumo Bertioga. No entanto, com corrente e vento contra, passamos uma noite difícil, a Simone e o Cylon Primo se machucaram, acidentes pelo vento e conseqüente balanço, o Matheus ficou um pouco mareado, dormiu direto, apesar de sermos brindados pelos golfinhos e por um amanhecer fantástico, estávamos desgastados e muito cansados, então propus ao Luizinho tentarmos fazer uma parada em Santos para aguardarmos melhores condições de vento e mar, pois tínhamos já mais de 20 nós nas rajadas e um mar bem desconstruído. Chamei o late Clube de Santos pelo rádio e disse a palavra mágica:

“Embarcação do Veleiros do Sul”

O fato de sermos veleiros do quadro do VDS foi um alento na viagem, pois ao nos identificarmos assim, todas as portas se abrem e a cortesia chega a ser constrangedora...Parabéns ao nosso amado Veleiros do Sul por construir esta ação institucional integrada com outras entidades náuticas.





**Golfinhos nos saudando...**

Desta forma, entramos bastante desgastados em Santos, mas fomos tão bem recebidos que logo esquecemos todas as agruras deste trecho, chegando o Matheus a dizer: Pai, o banheiro é “tipo” star wars...

Nosso plano mudou, pois com 25 nós nas rajadas, iria aguardar em Santos melhores condições, fizemos a tradicional janta comunitária, muita risada e fofoca, então fomos dormir sem perspectivas de sair, com o vento assoviando nos estais. Porém, acordei de madrugada com um silêncio “ensurdecedor”, saí e o vento era zero, portanto, havia chance de “deitarmos o cabelo” para Ilhabela e continuarmos cumprindo nosso plano de navegação. Aguardando a turma acordar, fui pescar no amanhecer com o Ike, aí tomamos um xixi educado do guarda, pois não podia pescar no trapiche, contrariando a informação da noite anterior quando nos haviam informado sobre... robalos gigantes...

Saímos então depois de um gostoso breakfast para Ilhabela, eu muito impressionado com o movimento de navios no Porto de Santos, 24 h, um atrás do outro e um maior que o outro, nesta partida tivemos um canoísta que nos acompanhou por um longo tempo, pegando jacaré na onda de popa dos 2 barcos, muito estranho e divertido.

Tivemos mais um dia então de bela navegada, pouca vela e mais motor, rumo a Ilhabela, com direito e uma parada e banho de mar no lugar chamado “as ilhas”, porém fizemos uma brincadeira muito legal neste trecho quando estávamos mais longe da costa, que foi jogarmos uma garrafa ao mar com mensagem de todos a bordo. A garrafa foi depois achada e tenho um amigo novo no litoral de SP...



**Matheus fazendo palhaçadas antes de jogar a garrafa ao mar, que depois foi encontrada e o cara me ligou, ganhei um novo amigo no facebook...Tadeu Kalinauskas o nome dele.**

Quando saímos da parada e banho de mar nas ilhas, brinquei que no canal de entrada sul de São Sebastião era lugar de peixe e troquei a isca, pegamos um “temporalzinho”, mas mesmo assim pesquei 2 bons peixes, uma Guaivira e um Xerelete, estes foram para geladeira para depois terem o destino da panela, e foram como sempre brilhantemente preparados pela Simone. Fiz no barco uma inovação, uma mesa para limpar peixe, funciona maravilhosamente, pois ao

não embarcamos o peixe e ao limpá-lo na hora, não tem sujeira ou cheiro, vai direto limpinho para o freezer...



Embarcando peixe no canal sul de São Sebastião...com “temporlazinho” chegando junto...

Depois de muitos anos, com saudades das muitas semanas de vela que participamos, chegamos a Ilhabela a noite, em nossos próprios barcos, um arrepio correu a espinha, um orgulho me encheu o peito e atracamos no ICI para merecido descanso, com direito a uma pizza no centro, assistirmos ao carnaval de rua, e na volta quase sermos abalroados na poita por um imbecil que saiu do clube em uma lancha de mais de 40 pés, a 30 nós, dentro da marina, vê se pode...para mim foi uma alegria tremenda estar novamente no astral de Ilhabela, pena que não tínhamos tempo de ficar alguns dias lá, o destino final, não apenas este, mas a premência do tempo nos chamava a prosseguir e tentar fechar todo trecho dentro da semana de carnaval.





Aproveitando a noite no late Clube de Ilhabela.

Sáímos cedo para Ubatuba, agora uma navegada bem mais curta, fomos então conhecer a Ilha Anchieta, parque estadual, uma maravilha, em beleza, organização e infraestrutura, além de história, pois aprendemos que lá houve o maior motim da história do Brasil no antigo presídio, com mais de 400 mortos, o parque é lindo, com coatis, cutias, capivaras e muitas aves da mata atlântica, um exemplo que deveria ser seguido aqui no parque de Itapuã e no Arvoredo...pois restringir é uma burrice, na minha opinião, entendo deva-se organizar e permitir a visitação, pois a gente só tem compromisso de preservar o que se conhece... Na ilha Anchieta passamos o dia, curtimos o mar e a praia, no caminho entre o parque e Ilhabela, achamos uma tartaruga doente em mar aberto, resgatamos tentando salvá-la, mas não havia nada aparente a ferindo, e não havendo nenhuma providência a tomar, a devolvemos ao mar e ao seu destino...nestes trechos mais curtos e de mar melhor, o Matheus e a Gabriela aproveitaram muito a viagem, os adultos mais ainda, com muita risada, chimarrão e pescarias de corrico. Decidimos ir dormir no late Clube de Ubatuba, o qual prontamente nos acolheu após a chamada de rádio com a “palavra mágica”, mas fomos abaixo de uma forte chuva e vento, trovoadas de início de noite, entre a Ilha Anchieta e o Clube, onde mais uma vez “me caíram os butiás do bolso”, tal a tranquilidade para navegar pela infraestrutura do canal de acesso, mesmo não conhecendo, foi uma barbada, tudo sinalizado e iluminado, sem falar na estrutura do clube, com trapiches, banheiros e um apoio de pessoal em terra simplesmente invejáveis. Tudo mais uma vez com toda fidalguia a nossa disposição. A carta do Comodoro Cícero sempre abrindo todas as portas...salve o VDS!!



O dia 5 de março em Ubatuba amanheceu lindo, com aracuãs e tucanos cantando nas matas no entorno do clube, um céu azul contrastando com aqueles morros verdes cobertos de mata, estávamos depois do excelente café a bordo, prontos para a meta de finalmente contornarmos com nossos próprios barcos a Ponta da Joatinga e chegarmos a sonhada baía da Ilha Grande.



**E...conseguimos, montamos a ponta da Joatinga com o Raio de Luar e o 4Fun!**

Na saída já pegamos no corrico uma linda cavala, a qual foi preparada depois com todo esmero na Ilha da Cotia pelo Sr Miguel do Barco Bar, eu a princípio fui contra, mas me entreguei e não me arrependi, foi um dos melhores peixes que jantei na vida, ele me viu limpando o peixe na ancoragem, foi nos oferecer seus produtos e se prontificou a preparar a cavala.



O barco bar do Sr Miguel na Ilha da Cotia em Paraty.



Cavala pescada em Ubatuba e jantada em Paraty, uma delícia!



Depois de uma noite maravilhosa na Ilha da Cotia, conhecemos Mamanguá, já rumando para Angra fizemos um almoço de cinema preparado pela Suelen no 4Fun na Ilha Sandri, pernoitamos na Ilha de Itanhangá e no sábado, dia 7 de março, data limite para pegarmos vôos de volta a noite, aportamos no Bracuhy, encerrando esta belíssima jornada, com os barcos e tripulações em perfeita ordem.



Almoço de despedida no 4Fun na Ilha Sandri, antes de chegarmos, talento da Suelen.

Agora iniciando uma nova fase, pois a REFENO vai ter de ficar para 2015 por excessivos compromissos profissionais dos 2 comandantes, mas vamos aproveitar e muito a Baía da Ilha Grande, para mim que já fui a muitos mares, entendo que neste intervalo até a REFENO (quando possível) possamos fazer cruzeiros em um dos 10 lugares melhores do mundo. Ainda não conheço e não mergulhei no Pacífico Sul, mas oportunidades não faltarão, espero, então poderei revisar, ou não, esta opinião de que a Baía da Ilha Grande seja um dos top ten paraísos terrestres.





**Chegando enfim no tão desejado Bracuhy.**

Minha conclusão neste momento que conseguimos cumprir esta etapa, é que nunca devemos desistir, aquilo que planejamos no feriado de 1 de maio de 2012 cumprimos, e fizemos esta etapa com o mesmo grupo do feriado( Eu, Simone, Matheus, Gabriela, mais Cylon Primo e Adriana, no Raio de Luar, no 4Fun, Luizinho, Suelen, o Ike e a Valéria), faltando somente a Brenda, amiga da Gabi que estava então conosco. Assim, aquilo que parece impossível pode não ser, no nosso caso, quando nos demos conta, estávamos felizes montando a Ponta da Joatinga, com todo simbolismo que ela sempre teve para nós, e agora o Raio de Luar está aportado tranquilo no Bracuhy....e eu ainda me beliscando para acreditar!

Até a próxima!